



## **Sexo Frágil: uma análise sobre gênero a partir da leitura de uma história em quadrinhos.<sup>1</sup>**

Marcilia Luzia Gomes da Costa Mendes<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

### **Resumo**

A história *Sexo frágil* (Revista *Mônica*, nº143) possibilita-nos fazer algumas observações no tocante à relação de gênero representada no universo quadrinizado de Maurício de Sousa. Em seu discurso, *Mônica* repete da mãe a idéia de que homens servem para fazer “favores” às mulheres e “trocar a lâmpada, de vez em quando” e reproduz uma imagem de menina sinônimo de fragilidade, delicadeza, meiguice, etc., adjetivações que reforçam uma visão estereotipada da condição feminina. Há nos enunciados da menina uma relação interdiscursiva, ou seja, o que *Mônica* diz circula como discurso cristalizado no social. Verificamos que o que ela diz é a partir do discurso-outro e não condiz com a sua performance nessa história. O discurso de *Mônica* sustenta-se na ambigüidade que se dá entre o dizer e o fazer. A referida personagem transgride esse modelo feminino sedimentado no imaginário social.

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Sexo Frágil; Gênero; Análise de discurso.

### **Texto do Trabalho**

No universo quadrinizado de Maurício de Sousa as brincadeiras de faz-de-conta que representam papéis parentais e situações cotidianas familiares são uma constante nas histórias em quadrinhos desse autor. Um exemplo desse tipo de brincadeira é o mostrado na história intitulada **Nana, nenê** (Almanaque do **Cebolinha**, n.39, p.74-81), onde *Mônica* representa a mãe, *Cebolinha* (bastante a contragosto), o filhinho e *Magali*, a tia. Como representação de sua mãe, *Mônica* fala para o seu “filho”: *Agora o nenê vai tomar a mamadeira bem direitinho, pra esperar a titia chegar!* A “Tia” *Magali* chega e encanta-se com o “bebê”: *Oh! Que maravilha de bebê! Tão grande! Tão forte! Puxa, Mônica como é que você conseguiu isso? Ele parece um bebê de verdade!* *Mônica* responde a amiga: *Usei um dos meus dotes naturais para convencê-lo!* Para que essa brincadeira de faz-de-conta acontecesse houve uma “negociação”trato por parte dos

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no NP Produção Editorial, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunto II do Curso de Comunicação Social da UERN, email: marciliamendes@uol.com.br



participantes; *Cebolinha*, flagrado por *Mônica* dando nós nas orelhas de *Sansão*, implora de joelhos para a menina: *Não, Mônica! Por favor, não me bata! Eu faço qualquer coisa! Por favor!* Porém, quando o menino tem conhecimento do papel que será obrigado a representar, reage assim: *Isto é ridículo! Não! Não e não! Mônica* bastante incisiva diz: *Ridículo ou não, foi o que combinamos! Você disse qualquer coisa! Cebolinha*, contrariado, resmunga: *Hunf!* Ao perceber a expressão do menino, *Mônica* puxa *Cebolinha* pela camisa e com o punho cerrado ameaça: *Ou você prefere ganhar um olho roxo, hein?* O garoto, com medo, responde: *Ok, ok! Você venceu! Vamos blincar de mamãe!*

Nessa história, *Cebolinha* ameaçado por *Mônica* promete fazer qualquer coisa para não apanhar da menina, até representar o papel de bebê. Essa é uma situação muito freqüente nas histórias: os meninos só participam das brincadeiras das meninas quando são ameaçados por *Mônica*. A menina, devido a sua superforça utiliza o poder que tem sobre os meninos para a satisfação de uma vontade: “brincar de mamãe”. Só que “brincar de mamãe” é uma brincadeira para meninas, e um provável motivo do constrangimento de *Cebolinha* é ter que participar de uma brincadeira destinada às meninas. Sob tal perspectiva, nas brincadeiras das crianças de papel ocorre uma delimitação entre as brincadeiras de meninos e meninas.

Como aponta Barrie Thorne (apud LOURO, 2004, p.79), “a interação através das fronteiras de gênero”, ou seja, o contato com o outro, tanto pode abalar e diminuir o sentido da diferença como pode, ao contrário, fortalecer as distinções e os limites. No caso das histórias de Maurício, observamos um fortalecimento das diferenças: cores, jogos, brinquedos, brincadeiras, roupas e amigos demarcam os lugares dos gêneros. A separação de jogos para meninos e meninas é, então, estimulada pelas próprias personagens, principalmente pelos meninos. Na história **Jornada nas nuvens**, *Cascão* está jogando bola quando *Mônica* aparece e solicita: *Oi, Cascão! posso jogar bola com você?* O menino responde: *Qual é Mônica? Futebol não é para meninas* (Almanaque do **Cascão**, n.42, p.4). Por outro lado, também se apresentam uma série de situações que representariam através dos jogos e das brincadeiras um “cruzamento de fronteiras”, ou seja, situações em que as fronteiras ou os limites entre os gêneros são atravessados. O recorte abaixo exemplifica a situação:



Fonte: Revista **Cascão**, n.324, p.26.

Para as personagens, há uma divisão bastante clara entre gêneros, até mesmo em relação às cores. O diálogo entre *Chico Bento* e *Zé Lelé* ilustra bem a questão: *Zé Lelé* pergunta para *Chico*: *Chico! ocê acha qui Deus é home ou muié?* *Chico* responde: *Ara, sei lá! quem é qui sabê?* *Zé Lelé* continua: *Ele é home, cum certeza!* *Chico* mais uma vez pergunta: *Ah, é?I cume qui ocê sabe?* *Zé Lelé* conclui: *Simpres! Si ele fosse muiê, tinha pintado o céu de cor-di-rosinha!* (Revista **Chico Bento**, n.461, p.36). Quando associa Deus à figura masculina devido à cor do céu, *Zé Lelé* reproduz um discurso que distingue os gêneros pelas cores; azul para os homens e rosa para as mulheres, como também pela utilização do adjetivo no diminutivo (*rosinha*). Para Louro (2004, p. 67):

A linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc.)

Uma história ilustrativa da questão de gênero é a de título **Sexo frágil** (Revista **Mônica**, n.143, p.71- 80). Nessa narrativa, *Magali* quer adquirir o “álbum de figurinhas do *Ursinho Bilu*”, que está sendo distribuído gratuitamente por um senhor na porta da escola, localizada na esquina da rua. Entretanto, devido a uma multidão de crianças



disputando o álbum, *Magali* não consegue pegar nenhum. Como *Magali* não atinge o objetivo almejado, procura *Mônica* para ajudá-la, com os seguintes argumentos: *Bom, é como você é assim grossa, truculenta e bronca, eu achei que poderia...Que poderia...Que poderia...Mônica* não compreende onde a amiga quer chegar e diz: *Não entendi onde você quer chegar Magali...Nós somos meninas...O sexo frágil, delicadas, meigas, serenas e singelas! Não podemos entrar naquela multidão!* Com a recusa da amiga, *Magali* indaga: *Então, quem vai pegar pra nós?* *Mônica* responde: *É pra isso que serve os homens!* *Magali* pergunta novamente: *Pra fazer favores pra gente?* *Mônica* continua com a argumentação: *E pra trocar a lâmpada, de vez em quando! É o que a minha mãe sempre diz!* Com essas idéias, elas procuram *Cebolinha* e solicitam o favor: *Cumpra sua função de homem e faça-nos um favor.* Sem saber o que o esperava, *Cebolinha* aceita ajudar a meninas, porém, quando visualiza a multidão, o menino recua e fala para *Mônica*: *Tá maluca? Olha só que confusão! Por que você mesma não pega essa polcalia?* *Mônica*, furiosa com a reação do amigo, responde: *Porque eu sou do sexo frágil, seu toupeira!!* E com o dedo em riste, complementa: *Eu sou delicada, meiga, serena e singela demais para entrar naquela confusão!!* *Cebolinha*, com medo, entra na confusão, mas, sua primeira tentativa de pegar o álbum fracassa. *Mônica*, determinada em conseguir seu objetivo, tem uma idéia: amarra uma corda na cintura do garoto e o “manda via aérea”. Essa idéia dá resultado e *Cebolinha* consegue o álbum, só que o menino esqueceu de pegar as figurinhas, e retorna para o centro da confusão. As meninas, com o álbum nas mãos, comentam as novidades trazidas pelo novo álbum: a criação da irmã do *Ursinho Bilu – Bilua*. Para *Mônica*, a nova personagem *Parece o Bilu pintado de rosa!* E *Magali* faz a seguinte observação: *Já estava na hora de criarem um personagem do sexo frágil.* Enquanto as meninas conversam, a corda em que *Cebolinha* está amarrado é puxada para dentro da multidão. O menino assustado grita: *Mônica!! cadê você?!* *Mônica* o orienta: *Corra para a luz, Cebolinha!! corra para a luz!!* *Magali*, aflita com a situação do amigo: *E agora?!* *Ele vai ser massacrado lá dentro!!* *Mônica*, ao ouvir as palavras da amiga, pula para dentro da confusão gritando: *Deixem o meu amiguinho em paz!! AAAAHHH!!!* *Mônica* distribui socos para todos os lados e resgata o amigo. *Cebolinha*, bastante machucado, “vendo estrelas” com alguns dentes faltando e sem conseguir falar “direito”, informa *Mônica... eu peguei... as figurinhas...* Após pronunciar essas palavras, o garoto desmaia. No final da história, *Magali* faz a seguinte reflexão: *Toda essa história me fez pensar uma coisa, Mônica! Em quem é, na verdade... O sexo frágil!* Conforme mostra o recorte abaixo:



Fonte: Revista *Mônica*, n.143, p.80.

De um modo geral, os sociólogos empregam o termo sexo para se referirem às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem o corpo masculino e o feminino. Em contrapartida, por gênero entendem-se as diferenças psicológicas, sociais e culturais entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino.

O gênero está associado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo. A distinção entre sexo e gênero é fundamental, pois muitas diferenças entre homens e mulheres não são de origem biológica (GIDDENS, 2001, p. 109).

A história **Sexo frágil** descrita acima possibilita-nos fazer algumas observações no tocante à relação de gênero. Em seu discurso, *Mônica* repete da mãe (*é o que a minha mãe sempre diz*) a idéia de que homens servem para fazer “favores” às mulheres e “trocar a lâmpada, de vez em quando” e reproduz uma imagem de menina sinônimo de fragilidade, delicadeza, meiguice, etc., adjetivações que reforçam uma visão estereotipada da condição feminina. Uma outra questão a ser destacada é a relação entre o discurso de sua mãe com o de *Mônica*. Há nos enunciados da menina uma relação interdiscursiva, ou seja, o que *Mônica* diz circula como discurso cristalizado no social. Para Gregolin (2006, p.32), “esse discurso-outro marca, na materialidade discursiva, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica”. Os discursos teriam as suas identidades estruturadas a partir da relação interdiscursiva e não independentemente uns dos outros para depois serem colocados em relação. De acordo com Maingueneau (1993), existe o primado do interdiscurso sobre os discursos. Para justificar tal afirmação, o autor relaciona a questão da interdiscursividade com a da gênese discursiva para demonstrar que não existe discurso autofundado, de origem

absoluta. Enunciar é sempre se situar em relação a um já-dito que se constitui no outro do discurso.

Nessa história, quando *Mônica* bate nas outras crianças para resgatar o amigo, ela desloca o interdiscurso. Verificamos que o que ela diz é a partir do discurso-outro e não condiz com a sua *performance* nessa história. O discurso de *Mônica* sustenta-se na ambigüidade que se dá entre o dizer e o fazer. Há nesse jogo um processo de resistência aos discursos circulantes sobre os gêneros. *Mônica* transgride esse modelo feminino sedimentado no imaginário social (frágil, delicada e meiga).

Com efeito, a ambigüidade é uma marca constitutiva do sujeito-*Mônica* que é forte, dona da rua, mas freqüentemente entra em crise por não conseguir ser uma criança igual às outras. A presença do discurso-outro é tão marcante que contribui para que *Mônica* aspire, em alguns momentos, ocupar esse lugar de aceitação social. Por não adaptar-se aos comportamentos socialmente atribuídos à mulher, *Mônica* é muitas vezes excluída tanto dos círculos dos meninos: quando ela procura algum amiguinho para brincar e todos se recusam (conforme exemplificado na (Revista **Mônica**, n.156, p.20-23), quanto dos círculos das meninas. Os recortes a seguir são demonstrativos dessa crise de *Mônica*: *Ai! Não era isso que eu queria! Assim continuo diferente dos outros do mesmo jeito* (Revista **Mônica**, n°126, p.80). *Mônica*, em algumas histórias, sofre por que nenhum garoto gosta dela: *Snif! A Denise tem razão! Snif! Nenhum garoto gosta de mim!*. A protagonista também sente-se ameaçada por outras garotas, quando vislumbra a possibilidade de perder os seus “namorados”: *Vem até aqui, canta um do-ré-mi e rouba todos os meus namorados* (Revista **Magali**, n.274, p.7).

Em muitas histórias ocorre a tentativa de *Mônica* de ser uma garota “normal”, mesmo nas brincadeiras, a sua superforça mais a atrapalha do que ajuda. Um exemplo ilustrativo dessa situação é o quadrinho intitulado **Quando a brincadeira vai pro espaço** (Revista **Mônica**, n.206, n/p). Nessa narrativa, *Mônica* tenta jogar peteca com duas meninas e bola com *Cebolinha* e *Xaveco*, mas devido à sua superforça, quando ela joga os brinquedos, tanto a peteca quanto a bola vão parar no espaço sideral. Por possuir uma força extraordinária, *Mônica*, na maioria das vezes, demonstra ser uma menina bastante desajeitada. A falta de jeito de *Mônica*, além de incomodá-la, afasta-a tanto dos meninos quanto das meninas, acarretando alguns momentos de crise e de solidão. A força de *Mônica* é tão fantástica que até mesmo o *Super-homem* solicita a ajuda da menina para abrir um vidro de biscoito. De acordo com a Revista **Mônica**, n.220, n/p.



Conforme afirmado anteriormente, *Mônica* anseia ser aceita pelos meninos, em muitas das narrativas ela procura encontrar “o homem perfeito”. Na história de título **O homem perfeito** (Revista **Magali**, n.266, p.26-32), *Mônica* tenta responder a um teste cujo resultado dará o perfil do homem perfeito. Com a orientação de sua amiga inseparável, *Magali*, *Mônica* começa a dar suas respostas para o teste, só que, ao final, *Mônica*, desolada, dirige a seguinte pergunta para *Magali*: *o Ricardinho já era! o Brédi Pite, também! O que vai sobrar para mim?* Ou seja, não sobrou nenhum homem perfeito para ela. Quando *Mônica* termina de formular a questão, *Cebolinha* aparece na cena fazendo caretas e apelidando *Mônica*: *Iluuu!! Lolha de poço!! Balão de gás! Chupeta de baleia!* Ao ouvir os insultos, *Mônica* corre atrás do menino. No último quadrinho, *Magali* faz uma observação: *Bom... Eu não preciso de nenhuma revista pra adivinhar!* E “lança” uma pergunta para os leitores: *O que vocês acham?* Ao final da história, podemos perceber na fala de *Magali* uma insinuação sutil que não é necessário aplicar nenhum teste para reconhecer que o “homem perfeito” para sua amiga é *Cebolinha*.

## Referências

- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duetos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.
- \_\_\_\_\_. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p.19-34.
- GUSMAN, Sidney. *Maurício quadrinho a quadrinho*. São Paulo: Globo, 2006.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 2. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1993.
- ORLANDI, Eni. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 1999.



\_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas-SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. *Interpretação; autoria e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.